



e-ISSN 2446-81

## DO (DES)PREPARO PARA A ATUAÇÃO PROFISSIONAL APÓS A GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

1

(UN) PREPARATION FOR PROFESSIONAL ACTION AFTER GRADUATION IN NURSING

(NO) PREPARACIÓN PARA LA ACCIÓN PROFESIONAL DESPUÉS DE LA GRADUACIÓN EN ENFERMERÍA

Keliti Cristina Perin  
Solange de Fátima Reis Conterno  
Alessandra Crystian Engles dos Reis  
Rosa Maria Rodrigues

**RESUMO:** A transição da academia para o trabalho é desafiadora evidenciando-se dificuldades na inserção laboral e despreparo para enfrentar as demandas da profissão. **Objetivo:** Evidenciar os motivos elencados por enfermeiros para justificar o despreparo para a atuação profissional. **Metodologia:** Pesquisa exploratória, com enfoque qualitativo. Foram elegíveis, enfermeiros cadastrados no sistema Cofen/Coren no Estado do Paraná que responderam questionário *online* que, indagou sobre os motivos do não preparo para atuação após a formação. Os dados foram organizados em códigos e nuvem de palavras com auxílio do *software* NVivo. As temáticas emergentes foram analisadas conforme referencial de análise temática de Minayo. **Resultados:** Dos 1550 respondentes, 188 enfermeiras(os) não se sentiram preparadas para atuar, após a graduação pelos motivos expressos nas temáticas: Poucas oportunidades de aprendizado prático; conhecimentos não aprofundados; pouco tempo de estágio, professores despreparados; falta de infraestrutura; metodologias utilizadas pelos professores; discrepância entre o ensino e a realidade, o aprendizado se deu no trabalho após a formação; falta de articulação teoria e prática; insuficiente preparo em laboratório; não entende qual é o papel do enfermeiro; atividade prática sem supervisão docente; ausência de pesquisa. **Conclusão:** Evidenciar os motivos do não preparo para a atuação pode auxiliar na busca de uma formação de qualidade e, do preparo de profissionais capazes de atuar de forma eficiente no mundo do trabalho, e na prestação de serviços de saúde para a comunidade.

**DESCRITORES:** Prática profissional; Enfermeiros; Formação profissional em saúde; Enfermagem.

**ABSTRACT:** The transition from academia to professional practice is challenging, exposing difficulties in workforce integration and a lack of preparedness to meet the demands of the profession. **Objective:** To identify the reasons cited by nurses to explain their lack of preparation for professional practice. **Methodology:** This exploratory qualitative study included nurses registered in the Cofen/Coren system in Paraná State who completed an online questionnaire about their perceived unpreparedness for practice following graduation. Data were organized into codes and word clouds using NVivo software, and emerging themes were analyzed based on Minayo's thematic analysis framework. **Results:** Among the 1,550 respondents, 188 nurses reported feeling unprepared for professional practice after graduation due to several factors, including limited opportunities for practical learning, lack of in-depth knowledge, short internship periods, unqualified teachers, inadequate infrastructure, ineffective teaching methodologies, a gap between education and

professional reality, post-graduation on-the-job learning, poor integration of theory and practice, insufficient laboratory preparation, unclear understanding of the nurse's role, unsupervised practical activities, and lack of research experience. **Conclusion:** Identifying the reasons behind the lack of preparation for professional practice can contribute to improving education quality and preparing professionals capable of effectively engaging in the workforce and delivering healthcare services to the community.

**DESCRIPTORS:** Professional practice; Nurses; Health professional education; Nursing.

**RESUMEN:** La transición de la academia al ámbito laboral es desafiante, destacándose dificultades en la inserción laboral y la falta de preparación para enfrentar las demandas de la profesión. **Objetivo:** Evidenciar los motivos señalados por los enfermeros para justificar la falta de preparación para la actuación profesional. **Metodología:** Investigación exploratoria con enfoque cualitativo. Fueron elegibles los enfermeros registrados en el sistema Cofen/Coren en el estado de Paraná que respondieron a un cuestionario en línea, en el cual se indagó sobre los motivos de su falta de preparación para actuar tras la formación. Los datos se organizaron en códigos y una nube de palabras con el apoyo del software NVivo. Las temáticas emergentes se analizaron según el marco de análisis temático de Minayo. **Resultados:** De los 1550 participantes, 188 enfermeros(as) no se sintieron preparados para actuar tras la graduación debido a motivos expresados en las siguientes temáticas: pocas oportunidades de aprendizaje práctico; conocimientos no profundizados; escaso tiempo de prácticas; profesores no capacitados; falta de infraestructura; metodologías utilizadas por los docentes; discrepancia entre la enseñanza y la realidad; el aprendizaje se dio en el trabajo tras la formación; falta de articulación entre teoría y práctica; preparación insuficiente en laboratorio; desconocimiento del rol del enfermero; actividades prácticas sin supervisión docente; y ausencia de investigación. **Conclusión:** Evidenciar los motivos de la falta de preparación para actuar puede contribuir a la búsqueda de una formación de calidad y a la preparación de profesionales capaces de actuar de manera eficiente en el ámbito laboral y en la prestación de servicios de salud a la comunidad. **DESCRIPTORES:** Práctica profesional; Enfermeros; Formación profesional en salud; Enfermería.

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos aumentaram progressivamente os cursos, vagas e ingressantes em todas as áreas do conhecimento, nos cursos de graduação no Brasil, inclusive na Enfermagem, principalmente na região Sudeste. A expansão aparentemente positiva para a defesa da democratização do ensino superior, requer reflexão, planejamento e regulação de acordo com as exigências do trabalho e do cuidado em saúde de cada região em que atuarão os futuros profissionais.<sup>1</sup>

A constatação do acelerado e desordenado crescimento de cursos e oferta de vagas de graduação em Enfermagem, sem o devido acompanhamento da sua qualidade indica a necessidade de estudos adicionais sobre a Educação em Enfermagem no Brasil. A expansão da educação superior vem se dando, fundamentalmente, através do

crescimento quantitativo do número de instituições de ensino e, conseqüentemente, de cursos e vagas por elas oferecidos. Essa expansão apresenta relação direta com o desenvolvimento econômico e social do país, uma vez que o Brasil apresenta baixa proporção de alunos matriculados no ensino superior, não só em relação aos países mais desenvolvidos, mas aos países vizinhos da América Latina.<sup>2</sup>

A transição da academia para o mundo do trabalho é um processo desafiador para os enfermeiros recém-formados. A preocupação com esse momento é algo comumente observado nos graduandos e egressos; há, muitas vezes, ansiedade por terem de assumir as responsabilidades atribuídas ao enfermeiro e as novas demandas de atitudes e competências.<sup>3</sup>

Evidenciam-se relatos de dificuldades na inserção laboral marcadas pela insegurança, incapacidade e despreparo para o trabalho,

decorrentes da vivência prática insuficiente, assim como entraves do acompanhamento de preceptores e professores durante a formação; além disso, a dificuldade no desenvolvimento dos saberes da gestão, gerenciamento, liderança, coordenação, a falta de autonomia e tomada de decisão.<sup>4</sup>

Ademais, a graduação é chamada a formar pessoas que impactem nos serviços de saúde pela atuação refletida, crítica e posicionamento político no sentido de estar ao lado dos usuários, além das competências técnico-científicas inerentes ao fazer profissional.<sup>5</sup> Contudo, ao adentrar no mundo do trabalho se deparam com a velocidade de incorporação de tecnologias, com a precarização quantitativa e qualitativa das relações de trabalho, ritmo de trabalho acelerado, falta de materiais para o cuidado e relações hierárquicas e de poder consolidadas.<sup>6</sup>

Em todo o mundo há, aproximadamente, 28 milhões de profissionais de enfermagem, dos quais 30% trabalham na região das Américas. Esses profissionais representam cerca de 56% de toda a força de trabalho em saúde. Conforme o relatório *State of the World's Nursing 2020*, os enfermeiros são essenciais para a conquista dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, e peças-chave para garantir que prioridades de saúde sejam alcançadas, incluindo as relacionadas à saúde universal para todos. Igualmente, são os enfermeiros os protagonistas capazes de mudar contextos que requerem maior atenção, como o da saúde mental, das doenças crônicas não transmissíveis ou de doenças emergenciais, como a covid-19.<sup>7</sup>

Apesar da relevância da categoria para a sociedade, estudos apontam o baixo reconhecimento profissional da enfermagem no contexto brasileiro. Essa situação se reflete nos salários desproporcionais e desatualizados frente ao trabalho empreendido e aos índices econômicos vigentes, nos longos e extenuantes turnos, inadequados e indignos ambientes para repouso, descanso ou alimentação no trabalho, ritmo laboral elevado e desgastante imposto pelo subdimensionamento de pessoal e inapropriadas condições que quase inviabilizam o processo laboral, por escassez quali-quantitativa de recursos materiais.<sup>8</sup>

Diante disso, as Instituições de Ensino Superior (IES) repensaram a formação de enfermeiros, adequando os Projetos Político Pedagógicos (PPP), conforme preconizado nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), desde seu perfil até as competências específicas. Contudo, a formação e inserção no cenário de atuação profissional exige estudos que demonstrem o reconhecimento da contribuição da formação de sujeitos críticos-reflexivos e a inserção no mundo do trabalho.<sup>3:336</sup>

A trajetória profissional dos egressos permite analisar, compreender e refletir sobre o ensino superior e as características inerentes ao mercado de trabalho. Estudos apontam que as escolas formadoras têm dificuldades em desenvolver a aprendizagem vinculada a ações reais da prática, o ensino é preconizado por ações no ideal, marcado pelo descompasso entre o proposto e o que será vivenciado na prática assistencial.<sup>9</sup>

Considerando as mudanças no perfil de formação profissional e o crescimento de oferta de cursos emerge o questionamento sobre a qualidade de ensino ofertado pelas IES e como estão relacionadas às competências estabelecidas pelas DCN, outro fator a ser considerado são as demandas e exigências do mundo do trabalho para enfermagem, assim como a relação de sua inserção laboral e a formação que recebeu durante a formação inicial na graduação. Com base na avaliação dos dados levanta-se discussões acerca da percepção dos enfermeiros sobre o preparo para atuação profissional durante a graduação. De maneira que se questiona quais motivos foram elencados por enfermeiros que afirmam que houve falta de preparo durante a formação para a atuação profissional? Objetivou-se evidenciar os motivos elencados por enfermeiros para justificar o despreparo para a atuação profissional.

## METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa exploratória, com enfoque qualitativo.<sup>10</sup> Os dados foram produzidos em projeto que investigou a formação e atuação de enfermeiros no Estado do Paraná no ano de 2019.

Foram elegíveis, enfermeiros cadastrados no sistema Cofen/Coren no Estado do Paraná. No Brasil, estavam registrados no Conselho Federal de Enfermagem (Cofen), 507.145 enfermeiros e, 24.486 tinham seu registro no Paraná, Estado localizado na região Sul, em 2018.<sup>11</sup>

Para a coleta de dados foi enviado pelo Conselho Regional de Enfermagem, por e-mail, um instrumento de coleta de dados *online* assíncrono,<sup>12</sup> enviado pela ferramenta *LimeSurvey*,<sup>13</sup> em sua versão 2.64, atualizada em março de 2017. Logo após a estruturação do questionário *online*, um estudo piloto/pré-teste foi realizado para averiguar sua praticidade, como tempo de resposta e lógica textual, além de constatar a viabilidade proposta no objetivo. Neste artigo estão apresentados os dados decorrentes da pergunta de livre resposta sobre o quanto a formação preparou os enfermeiros para atuação profissional.

Os dados foram alojados na íntegra no *software* NVivo (licença NVP14-JZ000-1H020-CR08I-CRV7P), onde as informações foram extraídas e agrupadas em códigos. Códigos nesta ferramenta são ambientes criados pelo pesquisador para integrar informações que tenham o mesmo conteúdo, sentido, significado. Tais códigos foram extraídos para sistematização, análise e interpretação do pesquisador, para compor unidades temáticas apresentadas nos resultados da análise de conteúdo.<sup>10</sup> Além dos códigos, a ferramenta sistematizou uma nuvem de palavras, a partir das 30 palavras mais frequentes nas 188 respostas, que foram identificadas pela letra “E”, bem como número arábico conforme a ordem cronológica de participação. O projeto foi aprovado conforme o Parecer 3.231.473/2019.

## RESULTADOS

A sistematização dos dados trouxe que, dentre 1550 participantes, 188 não se sentiram preparadas(os) para atuar, após o término da graduação em enfermagem e elencaram motivos para o não preparo, como se observa no Quadro 1, que explicita a maior frequência à falta de preparo para atuar decorrente das poucas oportunidades de aprendizado prático durante a graduação aliado ao pouco tempo de estágio. Além disso, afirmaram que os conhecimentos não foram aprofundados durante a graduação.

Outro aspecto identificado nas respostas foi o despreparo dos professores docentes e a falta de infraestrutura das instituições, especialmente a falta de laboratórios e de hospital universitário. Ao par do despreparo docente, as metodologias de ensino dos professores foram citadas, assim como a discrepância entre ensino e realidade.

Tais condições deram margem a que trouxessem que o aprendizado se deu no trabalho, após a formação e na formação continuada nas residências. Pontuaram ainda que vivenciaram a falta de relação entre teoria e prática. Outrossim, menos de 10 referências foram feitas à insuficiência de aulas práticas em laboratório; ao não reconhecimento do papel do enfermeiro nos ambientes de trabalho, assim como a distinção de suas competências com as da equipe técnica de enfermagem; atividades práticas sem supervisão docente e a ausência de vivência da pesquisa durante o processo de formação.

De toda forma deve-se ressaltar que, dos 1550 respondentes, 188 (12,13%) trouxeram queixas que remetiam ao despreparo para a atuação, o que sugere que a formação ofertada tem mantido importante padrão de qualidade, para os participantes deste estudo.

**Quadro 1 – Temáticas e número de ocorrências dos motivos para o despreparo para atuação após a graduação em enfermagem. Cascavel/PR, 2024.**

<b>Motivos do despreparo para atuar após a formação na graduação em enfermagem</b>	<b>Número de ocorrências</b>
<b>Poucas oportunidades de aprendizado prático</b>	
Deficiência de oportunidades nos campos de estágio (E598). Campo de estágio não deixavam os estagiários fazer nada (E613). Falta de oportunidades de prática (E1338). O déficit de estágios e campos com poucas coisas para fazer, não tendo estágio para todas as matérias do curso (E1421).	44
<b>Conhecimentos não aprofundados</b>	
Muitas áreas são apenas pinceladas, foca-se em muitas coisas que não vão ser utilizadas na prática (E219). Não repassado/cobrado conhecimentos básicos de um enfermeiro como SAE, cuidados de enfermagem e conhecimentos mais específicos como fisiologia e farmacologia (E709). Aprofundar mais em alguns assuntos que são necessários no dia a dia (E913). Em algumas disciplinas os conteúdos ficaram muito a desejar, coisas que são necessárias todos os dias na atuação do enfermeiro que nem sequer chegaram a serem mencionadas em sala de aula (E953). Mais teoria básica, clínica, casos e real atuação do enfermeiro na prática (E1254). Conteúdo e carga horária insuficiente para alguns conteúdos, como: aprendizado do Processo de Enfermagem (E1877).	34
<b>Pouco tempo de estágio</b>	
pouco tempo em estágio e foi somente no último ano da graduação, podendo ter intercalado com a prática para que pudéssemos assimilar teoria e prática, poucos estágios e com pouca oportunidade de aproveitamento (E52). Pouca carga horária para estágio (E628). Uma falha muito grande nos estágios que foram muito poucos quase nulos (E670). Contudo, destacam-se registros que afirmam que os estágios ocorrem somente no final do curso. Pouco tempo em estágio e foi somente no último ano da graduação (E52). Os estágios comecem tarde (E396). Estágios do último ano não suficientes (E1136).	32
<b>Professores despreparados</b>	
Professores com pouca formação e despreparados para atuar na docência (E52). Falta de formação dos docentes (E375). Falta de preparo dos professores (E480). Inexperiência da maioria dos docentes (E985). Neste mesmo grupo, além do impacto dos professores inexperientes em sala de aula, os entrevistados apontam a implicação em campos de estágio e aulas práticas, como apresentado a diante. Professores poucos experientes na prática (E251). Professores sem atuação na prática, somente com simples especializações (E342). Professores de estágio totalmente despreparados (E613).	25
<b>Falta de infraestrutura</b>	
Falta infra estrutura, falta de hospital universitário (E71). Laboratório inadequado ou com práticas insuficientes (E200). A faculdade não tinha uma estrutura adequada, não tínhamos nem materiais no laboratório, os próprios professores, as vezes tiravam do próprio bolso para levar para nós algo de novidade (E573). Os laboratórios na época não eram adequados (E1618). Ainda não havia hospital universitário e as instituições eram muito fechadas a universidade (E598).	19
<b>Metodologias utilizadas pelos professores</b>	
Didática engessada e limitada dos professores (E1075). Professores incapazes de transmitir conhecimento – Professores que focam somente em metas e não aprendizado (E1877). Métodos fracos (E1826). Melhores métodos de ensino (E973). Ensino muito tradicional, que não despertou a reflexão crítica; a percepção de ser membro importante de uma equipe multiprofissional; não estimulou a autonomia profissional (E1276).	18
<b>Discrepância entre o ensino e a realidade</b>	

Deficiência em mostrar a realidade, aprendemos a trabalhar com todos os tipos de recursos moderno, mas na realidade é muito diferente (E196). Não há muito vínculo das matérias com a realidade do nosso país (E353). Acredito que a graduação me deu os conhecimentos necessários, porém, na prática profissional a realidade é um pouco distante (E810). A parte teórica é muito importante. Mas o dia a dia, a vivência real normalmente não é passada pelas instituições (E1060).	11
<b>O aprendizado se deu no trabalho após a formação</b>	
Aprendi no treinamento na instituição muito mais que na faculdade (E37). Muita coisa eu aprendi quando já estava trabalhando (E74). Não me sentiria preparada para atuar se não tivesse feito a residência (E263). Infelizmente 90% do que aprendi foi já no mercado de trabalho (E1948). Pude adquirir confiança para atuar como enfermeiro somente após participar do programa de residência profissional em enfermagem (E1338).	10
<b>Falta de articulação teoria e prática</b>	
Realidade no livro uma, na prática outra totalmente diferente Teorias, práticas e materiais que não se aplicam a realidade do SUS (E455). Nós colocar mais perto o possível da realidade da profissão porque no papel e tudo lindo, mas quando você vivência e atua é bem diferente (E678). Muitos conhecimentos teóricos, sem a associação prática (E1276). Dentro desta mesma categoria também apontam a perda de tempo com o que realmente irão utilizar na prática, e teoria baseada na realidade de outros países. Fazem os alunos perder muito tempo com coisas que na prática não utilizaremos, e o que realmente é importante passam superficialmente (E748). A parte teórica foi baseada na realidade americana, com livros americanos e a prática sentia que não havia integração dos professores com os profissionais do Hospital (E814).	10
<b>Insuficiente preparo em laboratório</b>	
[...] aulas em laboratório insuficientes (E52). Com poucas práticas em laboratório antes do estágio (E364). Na formação as aulas de laboratório foram poucas (E1944). Laboratórios e práticas insuficientes (E1948). Aulas práticas de baixa qualidade (E1185). Falta de melhores aulas práticas (E1797). Aulas práticas muito ruins (E762).	8
<b>Não entende qual é o papel do enfermeiro</b>	
[...] quando você vai trabalhar, você aprende a ser técnico, e o que o enfermeiro faz de verdade, até hoje estou tentando saber! (E23). Com o “ser” enfermeiro em si (E112). Tive que buscar muitas literaturas para começar a entender a diferença entre o técnico e o enfermeiro (E2015). O que um bom enfermeiro precisa ser/saber para ser considerado um profissional adequado (E112).	5
<b>Atividade prática sem supervisão docente</b>	
[...] não acompanhada pelo professor a todo momento (estamos lidando com vidas!) (E200). Um pouco ineficiente, onde você ainda não é enfermeiro e se depara sozinho com suas dificuldades e questionamentos, sendo cobrado como se fosse um profissional (E410). Falta de acompanhamento nos estágios (E1276). Mais presença dos professores nas práticas (E1893).	5
<b>Ausência de pesquisa</b>	
Falta de oportunidades em pesquisa (E200). [...] ausência de estímulos a pesquisas (E342). [...] pouca formação em pesquisa durante o curso (E364). [...] não era cobrado publicações de artigos (E1095).	4

Fonte: Dados coletados no estudo, 2019.

Da mesma forma, a nuvem de palavras elaborada com as 30 palavras mais frequentes no conjunto das respostas, reforça as temáticas evidenciadas explicitando que os motivos do

não preparo estiveram relacionados ao aprendizado prático, nos campos de estágio e a atuação dos professores.

**Figura 1** – Nuvem de palavras mais frequentes que remetem às temáticas identificadas. Sistematização NVivo. Cascavel/PR, 2024.



**Fonte:** Dados coletados no estudo, 2019.

7

## 6. DISCUSSÃO

Os dados sistematizados permitem elencar aspectos do processo ensino-aprendizagem em geral e do ensino de enfermagem em particular, que tensionam a formação. O primeiro deles é o que se refere às oportunidades de aprendizado prático, uma dimensão da formação profissional de enfermagem e em saúde que exige atenção, pois há saberes e práticas que se consolidam na vivência em ambientes reais de aprendizagem. Contudo, o preparo anterior em ambientes simulados ganha destaque, de vez que é preciso exercitar habilidades antes de desenvolvê-las no cuidado de enfermagem. Assim, deve haver tempo disponível no processo de formação para o preparo antes de adentrar aos campos de atuação e que esta atuação seja devidamente supervisionada.

As aulas práticas têm a finalidade de levar o estudante a aperfeiçoar as habilidades técnicas sobre conhecimentos de uma determinada disciplina teórica. Logo, consistem em inserir o aluno em instituições de saúde para que neste local, acompanhado constantemente pelo docente, aprenda realizar procedimentos, técnicas e possa ver casos reais, até então vistos somente na teoria. Esse contato com as pessoas cuidadas é imprescindível e deve permear a formação do profissional de enfermagem.<sup>14</sup>

A Enfermagem exige habilidades teórico-práticas que não podem ser desenvolvidas sem o contato direto com o ser humano. Durante a execução das aulas práticas, o acadêmico presta assistência e

promove a autonomia dos pacientes através da educação em saúde e mantém o relacionamento terapêutico com usuário/família no desenvolvimento do processo de cuidar em enfermagem durante a hospitalização.<sup>14</sup> Por isso, não pode adentrar aos ambientes de cuidado sem preparo prévio.

É fundamental que o processo de formação em enfermagem proporcione espaços estruturados, integrando as dimensões teórico-prática, que abordem a complexidade do exercício profissional em diversos campos de atuação.<sup>15</sup>

É importante a inserção do estudante de enfermagem nas práticas reais desde os períodos iniciais do curso de graduação, possibilitando o cuidado no serviço de saúde, gerando assim uma maior aproximação do ensino, permitindo a experiência na resolução de problemas futuros. Educar implica em ter criatividade, liberdade e dialogar de forma que possibilite ao usuário melhor entendimento das atividades que envolvem o seu cuidado, alcançando benefícios para recuperação e manutenção da sua saúde.<sup>16</sup>

A partir de diferentes experiências adquiridas pelo aluno, no campo de estágio, a apreensão do conhecimento não é simplesmente por reprodução, pois a aprendizagem é recriada e transformada em novos conceitos, potencializando novos saberes.<sup>17</sup>

Assim, a construção do conhecimento perpassa a teoria e a prática, pois o aluno, por meio da interação, da prática social e das diferentes realidades, incorpora no seu agir a responsabilidade da sua aprendizagem. Portanto, ao propiciar ao aluno diferentes

métodos de aprendizagem, assim como diferentes cenários de prática, proporciona-se a ele o aprimoramento de conceitos adquiridos anteriormente, permitindo que saia de si, do lugar comum e se torne agente de mudança e de novos significados, recriando, assim, novos saberes e práticas.<sup>17</sup>

O cenário de empregabilidade exige um enfermeiro capaz de liderar equipes detentoras de múltiplos saberes, visão global e interconectada com os avanços tecnológicos e culturais. Sabendo que o contato com diferentes situações em campo ao longo da formação proporciona ao egresso mais segurança no momento de atuação após a formação, destaca-se nos dados obtidos as dimensões específicas da prática da enfermagem como o não reconhecimento das competências do enfermeiro no trabalho em relação à equipe técnica.<sup>18</sup>

As DCN descrevem, além de outros pressupostos, as competências e habilidades próprias do profissional enfermeiro, direcionadas à atenção à saúde, de modo a proporcionar ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde. Explicitam que a formação do enfermeiro tem por objetivo dotar esse profissional dos conhecimentos requeridos para o exercício das seguintes competências e habilidades gerais: atenção à saúde, tomada de decisões, comunicação, liderança e educação permanente. Quanto ao significado do termo competência está relacionado ao saber e ao fazer com qualidade.<sup>19</sup> Contudo, persistem indefinições decorrentes de sua constituição histórica desde o modelo religioso, até ser reconhecida como ciência sustentada na prática do cuidar,<sup>20</sup> que podem justificar a ainda afirmação da indefinição do papel profissional.

Há que se reforçar no processo de formação, a noção de que a atuação do enfermeiro é trabalho, para que compreendam o seu fazer profissional, mesmo que enfrentem a crescente precarização e desvalorização presente no mundo do trabalho da saúde, para que possam reconhecer a identidade profissional como trabalhadoras da saúde,<sup>21</sup> que cuidam e gerenciam o processo de trabalho da enfermagem.

Ganhou destaque, as condições estruturais das instituições formadoras para

permitir que o aprendizado em ambiente simulado e real possa ser exercitado. Isso exige bons laboratórios e hospitais preparados para receber os alunos em processo de formação.

No que se refere à qualidade de ensino, sabe-se que investir em melhorias estruturais, significa o aumento da efetividade e rendimento do desempenho acadêmico. Sendo assim, ofertar ao estudante um espaço de formação estruturado fisicamente, significa proporcionar ambiente de ensino e aprendizagem adequado e capaz de auxiliá-lo no que diz respeito às suas necessidades e carências, sejam elas relacionadas às disciplinas, aos elementos extracurriculares, suporte técnico da universidade e demais aspectos necessários para uma formação de qualidade.<sup>22</sup>

A falta de infraestrutura desfavorece a implementação de práticas pedagógicas no ensino ativo, este baseado no envolvimento intenso do aluno no processo de aprendizagem, na comunicação dialógica e no abandono da mera transmissão de conhecimentos.<sup>23</sup>

De outra parte, aspectos do fazer docente foram elencados como o seu despreparo e suas metodologias de ensino. Há que se destacar, a denúncia da distância entre o ensino e a realidade e o não relacionamento entre teoria e prática.

O ensino superior de enfermagem no Brasil tem passado por um processo acelerado de crescimento, o que remete as condições de formação dos professores, bem como dos futuros enfermeiros. Como consequência desse cenário, observa-se a expansão significativa nos cursos superiores e enfermagem, o que também proporcionou aumento da oferta de vagas na docência. Entende-se que atuar na docência requer formação específica, preparo rigoroso de modo que o professor em formação e/ou formado se articule entre campos dos saberes específicos e pedagógicos.<sup>24</sup>

Não há que se desconsiderar as facilidades relacionadas ao domínio de conhecimentos específicos da enfermagem que aqueles docentes que possuem a prática assistencial/administrativa levam para as suas salas de aula, porém, não se trata do único caminho para bom desempenho da docência. Essa prerrogativa de que os docentes que

possuem experiência profissional na prática assistencial em saúde têm maiores condições técnicas para o bem ensinar não se sustenta isoladamente, pois ser professor exige articulação entre os saberes para o desempenho da docência.<sup>24</sup>

Os enfermeiros educadores relacionaram a influência da formação profissional tradicional em sua prática docente. A configuração do ensino em disciplinas estanques, fragmentadas e descontextualizadas, de repasse de conteúdos, é um obstáculo para que se consiga transpor a prática tradicional.<sup>25</sup>

A perspectiva fragmentada e o currículo dissociado da realidade impossibilitam uma prática de forma integral. As abordagens pedagógicas na perspectiva da interdisciplinaridade podem aproximar o educando da realidade, mas, é preciso que os enfermeiros educadores conduzam o processo de ensino e aprendizagem para que os educandos possam resolver problemas com outras áreas de conhecimento e, mais ainda, quando pertencem ao domínio interdisciplinar.<sup>25</sup>

A integração docente assistencial agrega qualidade no processo de formação, pois estas práticas pressupõem a integração dos educandos às equipes de trabalho em saúde para o desenvolvimento de ações voltadas para a realidade da comunidade. Essa perspectiva favorece a resolução/enfrentamento de problemas, evitando a dicotomia entre teoria e prática e promovendo a interdisciplinaridade.<sup>25</sup>

Chamou a atenção, embora pouco recorrente, a indicação de que não foi possível a vivência da pesquisa durante a formação.

A Universidade está inserida em uma comunidade, e deve intervir na realidade, contribuindo na formação de profissionais de diversas áreas para atuarem no mundo do trabalho. Com base no princípio da universidade, os cursos de graduação em nível superior devem contribuir na formação de seus alunos para o exercício da profissão em um determinado campo de atuação. Esta formação deve propiciar ao aluno, em sua prática profissional, uma visão crítica do meio em que está atuando. Além disso, a formação, não se restringe à formação para o futuro mundo do trabalho, mas para a vida, para o crescimento

como cidadão, capaz de intervir na realidade em que vive.<sup>26</sup> Apesar de reconhecer o papel de instituições universitárias que devem articular três dimensões expressas no ensino, na pesquisa e na extensão, a realidade mostrada no estudo foi majoritária para enfermeiros formados em instituições privadas. Estas, em sua maioria não são universidades, portanto, não oportunizam, obrigatoriamente a pesquisa durante a formação.

Entretanto, as instituições formadoras têm papel fundamental na formação do acadêmico, contribuindo para o crescimento, tanto profissional como pessoal sendo a pesquisa um processo que favorece o aumento dos conhecimentos.<sup>27</sup>

Aprender a realizar e consumir os produtos das pesquisas é relevante para o desenvolvimento da assistência e isso precisa ser incentivado desde a formação. O cenário ideal seria a construção de itinerários de formação que contemplassem a atividade investigativa, não como fim em si mesmo, mas para formar trabalhadores críticos e conscientes de que há necessidade de constante apreensão das mudanças da realidade social e profissional.<sup>28</sup>

## CONCLUSÃO

Ao evidenciar os motivos citados pelos participantes, para o despreparado para atuação profissional após a graduação em enfermagem identificaram-se aspectos dificultadores no processo de inserção de enfermeiros no mundo do trabalho quantificados nos motivos citados com mais frequência.

Foram elaboradas e selecionadas 13 temáticas, dentre elas pode-se observar que as poucas oportunidades de aprendizado prático esteve presente na maior parte das respostas, tornando-se o principal motivo elencado pelos participantes para o despreparo para atuação profissional após a graduação em enfermagem. A partir da sistematização dos dados foi possível destacar a importância do aprendizado prático antes de adentrar em ambientes de cuidado, enfatizando a necessidade deste

preparo prévio para que o profissional exerça sua função com segurança e autonomia.

Também foram identificados como desafios a serem enfrentados a falta de infraestrutura das IES em conjunto com o despreparo docente e a falta de articulação entre ensino e realidade. E, ao que se refere na compreensão do papel do enfermeiro no ambiente de trabalho destaca-se fundamentalmente a integração entre teoria e prática. Dessa forma investir em melhorias estruturais e promover uma formação integrada pode melhorar a qualidade de ensino na enfermagem.

No entanto, é importante ressaltar que dos 1550 respondentes, 188 deles, cerca de 12,13%, mencionaram questões que remetem o despreparo para a atuação, o que sugere que a formação ofertada tem mantido um padrão de qualidade considerado satisfatório para a maioria dos participantes.

Portanto, os resultados deste estudo mostram percepções importantes acerca dos desafios enfrentados no processo de ensino aprendizagem da formação em enfermagem. Evidenciar e discorrer sobre estes desafios é fundamental para que se garanta uma formação de qualidade e consequentemente o preparo de profissionais capazes de atuar de forma eficiente no mercado de trabalho, e na prestação de serviços de saúde para a comunidade.

## REFERÊNCIAS

1. Martins, LK, Rodrigues, MR, Souza, RK, Conterno, Luz MS. Expansão dos cursos de graduação em enfermagem no Brasil entre 2004 e 2017. *Enferm Foco*. 2019; 10 (6): 63-69.
2. Teixeira, E, Fernandes, JD, Andrade, AC, Silva, KL, Rocha, MEMO, Lima, RJO. Panorama dos cursos de Graduação em Enfermagem no Brasil na década das Diretrizes Curriculares Nacionais. *Rev Bras Enferm*. 2013; 66 (esp.): 102-110.
3. Jesus, BH, Gomes, DC, Spillere, LBB, Prado, ML, Canever BP. Inserção no mercado de trabalho: trajetória de egressos de um curso

de graduação em enfermagem. *Escola Anna Nery*. 2013; 17: 336-345.

4. Godinho, MLC, Clapis, MJ, Dias, A, Bitencourt, F. Processo formativo de enfermeiros: visão de egressos sobre prática e inserção no mundo do trabalho. *REME - Rev Min Enferm*. 2021; 25:e-1357.
5. Mello, CV, Shoji, S, Souza, NVDO, Medeiros, CRS. Egressos de enfermagem e suas concepções sobre o mundo do trabalho. *Rev enferm UERJ*. 2021; 29:e46123.
6. Souza, NVDO, Pires, AS, Gonçalves, FGA, Tavares, KFA, Baptista, ATP, Bastos, TMG. Formação em enfermagem e mundo do trabalho: percepções de egressos de enfermagem. *Aquichán*. 2017; 17 (2): 204-216.
7. Brito, AS, Pacheco, HSA, Luz, NSA; Feitosa, NM, Lira Neto, JCG, Barbora, ICFJ. Análise da empregabilidade de enfermeiros formados em uma instituição de ensino superior pública do interior. *Enferm Foco*. 2023; 14: 1-6.
8. Souza, NVDO, Silva, MS, Roque, ABM, Araujo, DHPS, Pedro, RS, Saija, GC, et al. Percepções de estudantes de enfermagem sobre o reconhecimento da profissão em tempos de pandemia: estudo descritivo-exploratório. *Online braz. j. nurs. (Online)*. 2023: e20236642-e20236642.
9. Colenci, R, Berthi, HW. Formação profissional e inserção no mercado de trabalho: percepções de egressos de graduação em enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. 2012; 46 (1): 158-166.
10. Minayo, MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2010.
11. Cofen. Conselho Federal de Enfermagem. *Enfermagem em números*. 2018. [online] [acesso em 2018 Out 23]. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/enfermagem-em-numeros>.

12. Flick, U. Introdução à pesquisa qualitativa. Tradução Joice Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

13. Limesurvey. Limesurvey Project Team/Carsten Schmitz. **LimeSurvey**: an open source survey tool. LimeSurvey Project Hamburg, Germany, 2015.

14. Rodrigues, JZ, Rodrigues, LS, Schönholzer, TE, Rocha, IC, Rocha, EM. A importância da aula prática na formação do profissional de enfermagem: um relato de experiência. Revista Panorâmica [online]. 2015. 19: 99-110.

15. Rodrigues, RM, Reis, ACE, Machineski, GG, Conterno, SFR. Formação na graduação em enfermagem: a percepção de acadêmicos acerca das aulas práticas. Revista Educere Et Educare. 2023; 18 (45): 236-256.

16. Rocha. RG, Reis, DP, Pimenta, ACA, Santos, LJC, Frazão, JM, Silva, MCR. et al. Percepção de acadêmicos de enfermagem sobre a experiência das práticas de educação em saúde. Rev. enferm. Cent.Oeste Min. 2017; 12 (1): 1-7,

17. Corbelini, VL, Santos, BRL, Ojeda, BS, Gerhart, LM, Eidt, OR, Stein, SC, et al. Nexos e desafios na formação profissional do enfermeiro. Rev Bras Enferm. 2010; 63 (4): 555-560.

18. Frota, MA, Wemelinger, MCMW, Vieira, LIES, Ximenes Neto, FRG, Queiroz, RSM. Mapeando a formação do enfermeiro no Brasil: desafios para atuação em cenários complexos e globalizados. Ciência & Saúde Coletiva. 2019; 25: 25-35.

19. Vieira, MA, Souto, LES, Souza, SM, Lima, CA, Ohara, CVS, Domenico, EBL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a área da enfermagem: o papel das competências na formação do enfermeiro. Renome. 2016; 5 (1): 105-121.

20. Santos, SC, Almeida, DBS, Silva, GTR, Santana, GC, Silva, HS, Santana, LS.

Identidade profissional da enfermeira: uma revisão integrativa. Rev baiana enferm. 2019; 33: e29003.

21. Mascarenhas, MB, Santos, TA, Florentino, TC, Santos, HS. Percepção de discentes, docentes e trabalhadoras sobre o processo de trabalho da enfermeira. Rev baiana enferm. 2019; 33: p. e27930, 2019.

22. Amorim, CB, Oliveira, MF, Barlem, ELD. Dificuldades vivenciadas pelos estudantes de enfermagem durante a sua formação. Journal of Nursing and Health. 2019; 9 (3): 1-15.

23. Fontes, FLL, Santana, RS, Soares, JC, Pereira, RIN, Santo, ILE, Sousa, MSR, et al. Desafios e dificuldades enfrentadas pelo enfermeiro docente para o exercício da docência no ensino superior. Revista Eletrônica Acervo Saúde. 2019; 24: e300-e300, 2019.

24. Agnelli, JCM, Nakayama, BCMS. Constituição docente do enfermeiro: possibilidades e desafios. Revista@mbienteeducação. 2018; 11 (3): 328-344.

25. Gubert, E, Prado, ML. Desafios na prática pedagógica na educação profissional em enfermagem. Revista Eletrônica de Enfermagem. 2011. 13 (2): 285-95.

26. Assis, RM, Bonifácio, NA. A formação docente na universidade: ensino, pesquisa e extensão. Educação e Fronteiras. 2011; 1 (3): 36-50.

27. Spessoto, MMRL, Silva, MLM, Real, GCM, Missio, L. Docência: a vivência de bacharéis enfermeiros. Horizontes-Revista de Educação. 2015; 3 (6): 60-77.

28. Begui, JR. Pesquisa como princípio científico e educativo na formação do enfermeiro. Cienc Cuid Saude. 2020; 19: e 48380.

Recebido em: 24.12.2024  
Aprovado em: 22.12.2025